

Brasil pretende obter um novo crédito-jumbo de US\$ 6 bilhões

por Cláudia Safatle
de Brasília

O ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, embarca hoje à noite para Nova York e espera ver concluída, amanhã, a renegociação da dívida externa com os bancos privados internacionais para este e para o próximo ano. Essa renegociação, coordenada pelo comitê de assessoramento, com o qual o presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, e, possivelmente, Galvêas manterão encontro amanhã, se traduzirá num novo empréstimo-jumbo — no valor aproximado de US\$ 6 bilhões — com oito anos de prazo e três anos de carência.

Segundo disse o ministro da Fazenda a este jornal, as condições e o volume global do empréstimo ainda permanecem indefinidos. Adiantou, porém, que o Brasil não tem a pretensão de fechar o contrato a taxas de juros fixas, "pois não pretendemos modificar as condições de mercado". Está procurando, entretanto, "spreads" — taxas de risco — mais baixas que os 2,25% que estariam sendo praticados para o Brasil.

"O balizamento das operações da chamada fase 2 pode ser concluído na quinta-feira. Esperamos isso, mas não significa que o desembolso será imediato", explicou Galvêas, acrescentando que, finalizada essa negociação, "demarcaremos os próximos passos". A trajetória seguinte passa pelo Clube de Paris, onde Galvêas comparecerá em meados de novembro para prestar esclarecimento sobre a crise brasileira e renegociar juros e amortizações. O ministro disse que com o Clube de Paris espera obter condições mais razoáveis que 8 anos de prazo com 3 de carência.

A NEGOCIAÇÃO DOS JUROS

Uma voz discordante dentro do governo foi a do

presidente do Banco do Brasil, Oswaldo Colin, que, retornando de uma viagem pelos Estados Unidos, onde manteve contatos com vários bancos regionais, defendeu a inclusão dos juros na renegociação da dívida externa brasileira. "Nós precisamos discutir com os banqueiros até onde podemos ir, o que podemos pagar. Se os juros excedem a nossa capacidade de pagamento, deveríamos incluir o que extrapolar nessa renegociação", disse ele, defendendo a existência de clima para essa discussão. "Evidentemente eu não tenho condições de garantir se os banqueiros aceitam, mas existe clima para discutir formas alternativas", reforçou Colin.

Ele esteve ontem com o ministro da Fazenda para delinear a forma de operação do empréstimo de US\$ 1,5 bilhão do Eximbank ao País, para financiar a importação de produtos manufaturados e, talvez, também amparar as importações de fertilizantes com esses recursos.

Na sexta-feira Galvêas participa de um almoço na Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos, onde fará uma explanação sobre a crise e a política econômica brasileira. No sábado segue para Washington, para encontros com banqueiros, autoridades governamentais de vários países, representantes do Banco Mundial e BID, entre outros. Esses encontros se darão paralelamente à reunião anual da junta de governadores do Fundo Monetário Internacional e Banco Mundial. A reunião do FMI, em si, não terá grande importância, segundo Galvêas, pois o temário é genérico e repete o que vem sendo alinhavado nos últimos anos, como a questão dos direitos especiais de saque e o acesso aos recursos do Fundo. "A reunião é muito proveitosa pelos contatos paralelos que proporciona", concluiu o ministro da Fazenda.